

O ENSINO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Kely-Anee de Oliveira Nascimento ¹

RESUMO

O presente artigo possui como objeto de estudo as habilidades socioemocionais na infância, partindo da seguinte questão problema: como ensinar as habilidades socioemocionais nas escolas de Educação Infantil? O objetivo geral da pesquisa é compreender como acontece o ensino das habilidades socioemocionais na Educação Infantil. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo bibliográfico. Pesquisas apontam que a aprendizagem das habilidades socioemocionais acontece desde a vida intrauterina e que as relações entre mãe e bebê ou cuidadores da criança têm um reflexo importante na aprendizagem e apreensão do mundo social. Neste sentido, a forma como a criança é educada ainda na família, os valores que ela internaliza, a forma como é afetada, já sinaliza as primeiras aprendizagens socioemocionais atravessando sinais de confiança, amor, respeito, atenção. A escola, como instituição educativa precisa planejar um currículo que estimule a aprendizagem socioemocional, e esse currículo tem início na elaboração de uma proposta pedagógica que dê ênfase ao ensino das habilidades socioemocionais primeiro com a equipe pedagógica, em seguida que priorize no planejamento anual, planos de aula e projetos didáticos, práticas diárias de educação socioemocional e que inclua a família e comunidade nesse processo.

Palavras-chave: Habilidades socioemocionais, Educação Infantil, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil primeira etapa da Educação Básica atende crianças de zero a três anos em creches, quatro e cinco anos em pré-escolas. A primeira infância (crianças na faixa etária de zero a seis anos) é a fase de maior desenvolvimento cognitivo do ser humano, visto que é nessa etapa que as crianças recebem diversos estímulos do meio em que estão inseridas e que somadas aos aspectos neurobiológicos e a grande capacidade de plasticidade cerebral, contribuem para modificar a estrutura do cérebro favorecendo a produção de novas sinapses e a aprendizagem.

¹ Professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Doutora em Educação – UFPI, kelyanee@urc.uespi.br.

Na primeira infância a criança inicia o processo de apreensão do mundo a sua volta e começa a perceber o meio em que vive através de estímulos sensoriais e motores. Desde o nascimento, o toque, as sensações, as palavras que escuta e a atenção que recebe, contribuem para que sinta e perceba o mundo, por isso é tão importante os vínculos socioafetivos desde o nascimento e até mesmo pensarmos sobre tais vínculos na vida intra uterina. (WINCOTT, 2006).

Estudos desenvolvidos por Winnicott (2006) valorizam as primeiras relações materno-infantis como essenciais para a formação e desenvolvimento da criança. Segundo o autor, estados psicológicos como confiança, segurança e proteção vão sendo construídos desde a vida uterina quando a mãe interage com o feto. Além de escutar a voz da mãe e de outras pessoas que se encontram no ambiente externo, aspectos relacionados à nutrição, sono, atividades físicas que a mãe realiza, pensamentos maternos, geram uma relação simbiótica que proporciona o início das primeiras manifestações afetivas.

Wallon (2007) também afirma que os primeiros vínculos consolidados entre bebê e mãe ocorrem por meio das relações socioafetivas, sobretudo na forma como a criança se sente protegida, cuidada, amada e amparada pelo adulto. Mesmo não compreendendo a linguagem verbal, o bebê percebe de forma sensitiva o ambiente em que está inserido afinal, passou nove meses ligado a outro corpo vivo, que sente, experimenta, vive e esteve se alimentando, unido a um cordão umbilical, placenta, compartilhando com a mãe sentimentos e experiências. Como não considerar as relações afetivas a partir da concepção? Por isso, desde o período gestacional precisamos entender que o ser humano acumula memórias e experiências e quanto mais amor, afeto, cuidado e colo damos aos bebês, maiores são as possibilidades de se estabelecer laços de confiança com os pais, podendo levar ao desenvolvimento de adultos fortes, saudáveis emocionalmente e seguros de suas ações e atitudes.

Nesse sentido, o estudo das emoções ganha força e fala-se bastante neste século de uma educação socioemocional que precisa ser discutida em espaços institucionalizados de educação, sobretudo a Escola, que durante séculos foi vista como espaço de desenvolvimento cognitivo, anulando em seu currículo formal a aprendizagem de habilidades socioemocionais. Nessa instituição os pais são motivados a participarem do processo educativo de seus filhos, na medida em que precisam se envolver e aprender a construir ambientes harmônicos tendo em vista o estabelecimento de relações saudáveis.

Diante disso, sabendo a importância de ampliarmos os estudos que dão ênfase à educação socioemocional na Educação Infantil e propagarmos esses resultados em espaços educativos como a escola, trago a seguinte questão problema: como ensinar as habilidades socioemocionais nas escolas de Educação Infantil?

Para responder essa questão realizamos um estudo bibliográfico de natureza qualitativa, buscando atingir os seguintes objetivos, o geral: compreender como acontece o ensino das habilidades socioemocionais na Educação Infantil; e os objetivos específicos: entender o conceito de emoções e do ensino das habilidades socioemocionais, e investigar as práticas para o ensino das habilidades socioemocionais nas escolas de Educação Infantil.

METODOLOGIA

O presente artigo consiste em uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. O uso da abordagem qualitativa é necessária aos pesquisadores que buscam compreender, descrever, interpretar e analisar de forma densa e profunda o fenômeno de investigação. Nesse sentido ao analisarmos de forma detalhada o objeto de estudo podemos construir hipóteses e realizar novas discussões, percepções e representações acerca do estudo.

Para nos aprofundar na temática optei pelo estudo bibliográfico. Pesquisas bibliográficas são importantes por possibilitarem ao pesquisador adentrar nas leituras, reflexões e interpretações acerca do fenômeno escolhido. De acordo com Oliveira (2012) a finalidade básica e essencial de estudos qualitativos está em levar o pesquisador a ter contato direto com as obras e documentos bibliográficos sobre a temática de investigação, o que pode levar a compreensão e domínio científico, teórico e com propriedade.

Para esse estudo nos aprofundamos em leituras que tratam sobre o estudo das emoções, inteligência emocional, infância, educação infantil e práticas pedagógicas na educação infantil, tendo como principais aportes teóricos os estudos de Wincott (2006), Wallon (2007), Camargo (1999), Silva e Ferreira (2020) e outros.

O ENSINO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA INFÂNCIA COMEÇA NA VIDA INTRAUTERINA

A construção de laços socioafetivos com o bebê desde o período gestacional é importante para manter após o nascimento relações síncronas com a criança. Quando um bebê nasce, o mesmo adentra em um mundo com cultura, contextos particulares e é cuidado, amparado por pessoas que possuem crenças, valores e visões distintas acerca da educação, sendo esse ambiente o lugar em que a criança manifesta suas primeiras emoções e expressa suas necessidades. Considerando a cultura maternal que rege nossa sociedade, a mãe ou pessoa responsável pelos cuidados precisa conhecer a importância das relações socioafetivas para o desenvolvimento dessa criança.

Teorias da psicologia da educação destacam o papel das relações socioafetivas para o desenvolvimento cognitivo da criança, e um desses teóricos, Wallon (2007), revela as emoções como primeira forma de expressão da criança, que está articulada ao desenvolvimento cognitivo e motor. Nesse sentido precisamos dialogar sobre essa tríade – cognição, motor, afetivo - que contribuem para a formação social da criança e seu desenvolvimento integral.

A escola como espaço institucional precisa organizar o currículo tendo em vista o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos alunos e, incentivar os pais sobre a importância desse outro aspecto da formação humana, afinal estamos vivendo tempos em que se tornou comum dialogarmos sobre empatia, inteligência emocional, saúde mental e relacionamento interpessoal.

Nesse sentido, é necessário ampliarmos o debate e fomentarmos nas escolas a organização curricular que abandone o caráter exclusivamente conteudista do currículo escolar que marcou uma geração de maneira tradicional, que super valorizava os conteúdos, media a aprendizagem do aluno por notas e não levava em consideração os fatores socioemocionais.

O desenvolvimento de habilidades socioemocionais possibilita o aumento na autoestima, o conhecimento de si, o autocuidado e o relacionamento com o outro. Trazer esses conhecimentos para a escola faz-se urgente, sobretudo numa sociedade em que há padrões estereotipados, aumento dos índices de estresse, doenças psicossomáticas, ansiedade, depressão. Como afirmam Silva e Ferreira (2020, p. 14):

Através da Educação Socioemocional na sala de aula, é provável que se consiga a diminuir a violência — extremidade da raiva —, que vem assombrando toda uma sociedade. Em geral, percebe-se um crescente aumento

de suicídio, tristeza e solidão na sociedade. A Educação Socioemocional será capaz de diminuir as emoções entendidas como negativas ou destrutivas.

Precisamos falar sobre as emoções desde a infância e os pais devem participar desse processo, afinal eles são os responsáveis por validar ou invalidar certos valores, conhecimentos e comportamentos, logo, precisam participar junto à escola do processo educativo. Nesse sentido, acredito ser necessário o planejamento de um currículo que escolar que, além da preocupação com o conteúdo sistematizado, atente-se as práticas de formação socioemocional para seus alunos.

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NECESSÁRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O contexto das práticas pedagógicas tradicionais revela a supervalorização do desempenho cognitivo dos alunos, com ênfase ao estímulo das estruturas mentais como concentração, atenção e memorização, tidos como eixos essenciais para a aprendizagem. O aluno representava um o papel passivo e o professor assumia o comando no processo, como detentor do conhecimento, capaz inclusive de fazer uso de punições físicas e psicológicas aos alunos que não tivessem o desempenho “esperado” a partir de padrões cognitivos que homogeneizava o saber.

Quem já ouviu e viu o vídeo e tradução da clássica música “Another brick in the wall” (Outro tijolo na parede) da banda inglesa Pink Floyd, percebe um típico professor da tradicional escola britânica conservadora que determina o que os alunos devem fazer, como fazer, insulta e utiliza de castigos físicos para impor sua autoridade. A música reflete questões relacionadas a sociedade, ideologias, sistema de ensino e metodologias, castigos físicos, ridicularizando a expressividade e as emoções dos alunos.

Sobre a importância de considerarmos as emoções e a subjetividade dos alunos, foi com o avanço da medicina, neurologia, psicologia, teorias psicológicas que passamos a enxergar uma ressignificação das práticas tradicionais da educação inclusive condenando tais atos e valorizando a necessidade de incluirmos a subjetividade e o estudo das emoções nas práticas pedagógicas, afinal as emoções fazem parte da essência humana desde o nascimento e são a primeira manifestação de existência e comunicação, por isso precisam ser consideradas no processo de ensino e aprendizagem. A escola

compreendendo essa perspectiva de educar deve orientar as famílias a partir dos princípios da educação não violenta e respeitosa tendo em vista o desenvolvimento de pessoas saudáveis emocionalmente.

Portanto a compreensão é a de que, ao nascer, nos encontramos em uma situação de dependência em todos os aspectos: motor, cognitivo, emocional e social. Precisamos de um adulto que nos alimente, cuide da higiene, nos dê calor humano, afeto e proteção. Nossas funções mentais ainda são bastante elementares e os conhecimentos ensinados desde o nascimento possibilitam aprendermos sobre o mundo ao nosso redor.

O cuidado deve ir além de hábitos de nutrir e higienizar, mas precisa envolver o carinho, a emoção, o diálogo, a escuta, o olhar para as necessidades do bebê, pois já no início da vida precisamos ser estimulados em relação aos aspectos cognitivos e emocionais. Logo, apreendemos o mundo a nossa volta com ajuda da mãe ou cuidadores e isso implica os educadores que estão nas escolas de Educação Infantil. Reconhecemos que todos esses espaços precisam ser de acolhimento e afeto, primando pela segurança física e emocional da criança. Nesse sentido,

Chama-se a afetividade de “conjunto” por esta fazer parte de muitas situações que se integram e formam o indivíduo em sua totalidade. Afetividade é a “qualidade do fruto”, na raiz da palavra. O termo “qualidade” abre um leque de possibilidades para designar o que nos afeta ou o que e quem afetamos, bem como a maneira como somos impactados por esses afetos (LOOS-SANT’ANA E GASPARIM, 2013, p. 201)

Estudos e pesquisas acerca do saber socioemocional são recentes, a partir da década de 1990. A teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1997) ganhou força ao afirmar que o ser humano é movido por diversas inteligências, não só a cognição, sendo elas a Inteligência Linguística, a Lógico-matemática, a Inteligência Espacial, Corporal-cinestésica, musical, interpessoal e intrapessoal. Para Golleman (1995, p. 276) "Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura".

O lugar da criança na Educação Infantil ganha espaço desde a década de 1980, a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/1996 e os documentos norteadores das propostas curriculares como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998 e agora a Base Nacional Comum Curricular

(BNCC) de 2017 mostram que ao longo do tempo escolas de Educação Infantil têm voz e vez no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, sobretudo educação socioemocional e na criação de espaços acolhedores, afetuosos e amorosos, afinal o ambiente em que a criança está inserida, contribui para a formação da personalidade, e quando aprendem a desenvolver habilidades socioemocionais, são preditoras a obterem sucesso escolar e futuramente profissional, pois o conhecimento de tais habilidades implicam primeiramente no cuidado de si e as relações com os outros.

Considero que o desenvolvimento integral da criança, tal como afirma Wallon, acontece por meio da integração entre cognição, desenvolvimento motor, social e sobretudo afetivo. Somos afeto (discussão teórica sobre afetividade) e as primeiras manifestações afetivas estão em torno das pessoas que cuidam de bebês e crianças pequenas, sejam pais – mãe, pai – avós, avôs, tias, tios, madrinha, padrinho, irmãos. O vínculo familiar é extremamente importante para a consolidação dos primeiros significados afetivos construídos pela criança, por isso, o contexto que literalmente afeta e atravessa a cultura de cada família, tende a impactar o desenvolvimento e contribuir na formação da personalidade da criança.

Desde o nascimento, e até mesmo na vida intra uterina já podemos falar sobre emoção. Esse sentir já revela sinais de que somos seres emotivos. Após o nascimento com as trocas carinhosas, o cuidado, a rede de apoio que sustenta a criação do bebê que é repleta de manifestações emotivas, também provamos que as primeiras bases relacionais são construídas por meio das interações regadas a emoção.

É como afirma Camargo (1999, p. 10): “A emoção é a primeira forma de comunicação. O recém-nascido se comunica com o mundo, sofre a ação do mundo, e pode atuar sobre ele graças à emoção. Através dela iniciam-se as bases das relações interindividuais”. Não se trata de uma simples relação orgânica, biológica, mas uma necessidade de interação, de cuidados, afeto, toque, sensações que atravessam todo o corpo do bebê, sendo possível iniciar as primeiras relações sociais.

Em sua obra, Camargo (1999) evidencia os estudos de Zazzo (1974) e Malrieu (1974) no que diz respeito as necessidades do ser humano, onde há a necessidade de estabelecer laços afetivos e sociais, e que na relação entre biológico e emoção, esta se caracteriza como primeira forma de comunicação e dá origem as relações afetivas, o que contribui para o desenvolvimento psíquico.

Isso atravessa as relações sociais e o desenvolvimento da criança, ou seja, as primeiras interações que estão presentes no contexto social que a mãe está inserida, a cultura que ela emerge, as representações que possui, seus valores. Essas experiências aos poucos vão atravessando também a criança que desde cedo passa a se apropriar da cultura que geralmente seus pais estão envolvidos.

Como a criança será cuidada e educada a princípio pela família, ela apreende os comportamentos e características pessoais, relações que fazem parte das crenças e aprendizagens de seus pais, logo, muito do que já aprendemos na primeira infância está permeado de valores das pessoas que cuidam de nós, que podem ou não reproduzir conceitos e aprendizagens que elas mesmas viveram. É nesse processo onde a criança externaliza seu estado e necessidades fisiológicas que são comunicadas através das emoções, do choro, gritos. Os adultos respondem a esse comportamento e vão atribuindo sentido a eles, como se a criança estivesse fazendo manha, sorrindo, observando etc. As funções simbólicas se originam nesses aspectos.

Portanto, emoção é a forma como a criança se expressa, e isso possibilita a abertura para a linguagem, ou seja, “Assegura uma função de comunicação que será fundamental no desenvolvimento da atividade simbólica. É a intercomunicação com os adultos que possibilita a aquisição da linguagem e com ela novas formas de reflexo da realidade”. (CAMARGO, 1999, p. 13).

Nesse sentido, a forma como lido com o outro e comigo mesmo tem muito de como fui afetado desde o nascimento. O cuidado que tiveram comigo, as palavras positivas que proferiram, a forma como fui desejado, os sentimentos que em mim transbordaram. É como aponta Merleau-Ponty (1990, p. 132) apud Camargo (1999, p. 11): “As relações com os pais são mais do que relações com duas personagens apenas, elas são relações com o mundo. Os pais são os mediadores das relações com o mundo. A relação com os pais (os outros) é uma relação não de instinto, mas de história”. Daniel Goleman (2001) alerta os professores sobre a importância de se educar emocionalmente as crianças, como aponta:

Aos professores, sugiro que considerem também a possibilidade de ensinar às crianças o alfabeto emocional, aptidão básica do coração. Tal como hoje ocorre nos Estados Unidos, o ensino brasileiro poderá se beneficiar com a introdução no currículo escolar de uma programação de aprendizagem que além das disciplinas tradicionais, inclua ensinamentos para uma aptidão pessoal fundamental a alfabetização emocional. (GOLEMAN, 2001, p. 2).

Discutir sobre educação socioemocional na primeira infância precisa ser um ato social, público e coletivo, afinal, quando trabalhamos o desenvolvimento humano na infância, considerando sobretudo o desenvolvimento infantil e pensando nas ações que essa criança possa vir a tomar quando adulto, percebemos os benefícios de um trabalho articulado quando se trata do aspecto socioemocional, como aponta Lévy (1999) uma criança educada emocionalmente tende a se tornar um adulto equilibrado emocionalmente; autoconfiante em relação as suas tarefas e sobre situações do dia a dia, mantendo autocontrole; melhor convivência com outras pessoas, capacidade de refletir e pensar antes de tomar decisões; colocar-se no lugar do outro ao ser empático, o que melhora consideravelmente as relações interpessoais; desenvolve a capacidade de ouvir, dialogar e compreender certas circunstâncias. Percebe-se que a inteligência emocional contribui para o bom convívio em sociedade e implica na saúde mental.

Nesse sentido, para educar e cuidar considerando os direitos de aprendizagem e os campos de experiência da prática na Educação Infantil é necessário que a escola e sobretudo os docentes desenvolvam práticas que direcionem o fazer a partir das competências da educação básica, sobretudo a de número nove, que trata especificamente sobre empatia, diálogo, resolução de conflitos, trabalho cooperativo, respeito, acolhimento, diversidade, saberes, identidades e culturas.

Dentre tais práticas torna-se fundamental a adoção das seguintes medidas: 1 A escola precisa repensar o currículo e desenvolver projetos pedagógicos interdisciplinares que incluam o estudo das habilidades socioemocionais entre as crianças, a realização de atividades, oficinas, apresentações culturais, e outros; 2. É preciso preparar a equipe docente para que estes também compreendam o sentido e o valor do desenvolvimento das habilidades socioemocionais, afinal, pouco adianta o professor ensinar seus alunos a terem empatia, controle emocional se o mesmo não tenho esse controle e compreensão; 3. A escola precisa estender esse ensino à família, pois os valores e aprendizagens socioemocionais são para a vida pois, de que adianta ensinar a criança na escola se em casa ela terá práticas e exemplos totalmente diferentes vindos de seus pais?; 4. A comunidade também precisa fazer parte de tais projetos, afinal o ensino e aprendizagem construídos na escola ultrapassa os muros da instituição; 5. O ensino das habilidades socioemocionais precisam estar presentes no cotidiano escolar, na rotina dos professores com as crianças, roda de conversa, contação de histórias, expressão de palavras positivas,

incentivo, aceitação e respeito. O uso da música, dança, artes visuais, teatro contribuem bastante para a expressão, assim como o planejamento de outros componentes curriculares e durante as brincadeiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo vimos que a aprendizagem das habilidades socioemocionais são fundamentais para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança, e que devem ser aprendidas ainda no convívio familiar. Os pais nesse caso são os principais educadores nesse processo. Todavia, o ensino dessas habilidades exige que a própria pessoa compreenda o conceito e significado das emoções e a escola contribui para o ensino de estratégias que a família também poderá se apropriar na aprendizagem de seus filhos.

Estudiosos na área da medicina e psicologia apontam que as habilidades socioemocionais contribuem para o controle emocional, relacionamento do indivíduo consigo mesmo e com os outros, melhora as relações com as pessoas, diminui a probabilidade de conflitos, auxilia na interpretação e expressão dos interesses e necessidades, melhora o diálogo interpessoal e ajuda a criança a se desenvolver com liberdade, autonomia tornando-se jovens e adultos saudáveis mentalmente e bem resolvidos em outros aspectos sociais.

Para isso a escola precisa adotar um currículo que valorize o estudo das habilidades socioemocionais, desenvolver projetos pedagógicos que envolvam os alunos, pais e comunidade; os professores precisam passar por uma formação que os direcionem a aprendizagem das habilidades socioemocionais. Nas práticas pedagógicas todos os conteúdos dos componentes curriculares podem estar articulados de forma interdisciplinar abordando temáticas que incluam assuntos como lidar com as emoções, autoconfiança e autoaceitação, respeito, responsabilidade, exercitem a capacidade de lidar consigo mesmo, com os outros e com desafios, abertura para o novo, empatia, confiança, tolerância, resiliência, pensamento crítico, e outras. Somente através da aprendizagem socioemocional poderemos eliminar problemas que afetam a saúde mental e as relações interpessoais do homem, e dele consigo mesmo, superando sobretudo ansiedades e até mesmo a depressão.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Denise de. **Emoção, primeira forma de comunicação**. Curitiba: InterAÇÃO, 1999.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LEVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOOS-SANT'ANA, H.; GASPARIM, L. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. **Educação em Revista** (Belo Horizonte), v. 29, n.3, p. 199-0, jul./set. 2013.

OLIVEIRA, M. M de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, B. B. D. C; FERREIRA, M. C. P. L. Educação socioemocional na escola. In: **VIII Mostra Científica do Curso de Pedagogia**, v 5, n. 1, Anais, 2020. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/6255/3334>

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 3ªed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.